

VISÃO FENOMENOLÓGICA DE CORPO, TEMPO, ESPAÇO E RELAÇÕES HUMANAS ATRAVÉS DO JOGO DA CAPOEIRA

ANDRÉ LUIZ TEIXEIRA REIS

Universidade de Brasília – UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil
andrereis@unb.br

Introdução

A capoeira é um componente da cultura brasileira. Ela combina e sintetiza elementos de dança, luta e acrobacias ginásticas. É uma interessante dança e os dançarinos imitam movimentos e atitudes de certos animais, através de performances e específicos movimentos de corpo, especialmente com os pés (ALMEIDA, 1986). O jogo acontece dentro de um círculo formado por jogadores que se intercalam entre o jogo da capoeira e os instrumentos musicais.

Para a proposta desta pesquisa, os participantes vivenciaram aulas de capoeira durante sete meses e mantiveram regular participação nas mesmas. O estudo teve a fenomenologia defendida pela teoria estrutural de Van Manen (1990) como base referencial. Esta teoria avalia que a vivência no mundo das ações corporais estão relacionadas a uma estrutura existencial. No caso específico desta pesquisa, os participantes experimentam elementos das aulas de capoeira – luta e dança, caracterizados por: jogar e expressar-se corporeamente, tocando instrumentos musicais, cantando músicas contextualizadas com a cultura desta atividade, batendo palmas ritmadas, e, por final, o grupo que se envolve nesta atividade coletiva. Neste último item, seria a interatividade entre o participante em si, os outros, ambos, e as implicações para o mundo social.

Princípios metodológicos

Este estudo qualitativo explorou o fenômeno da participação ou vivência individual e coletiva em capoeira. Este tipo de pesquisa se inicia arguindo teoricamente como observar e descrever as experiências vividas por participantes em algum evento ou fenômeno. Mais ainda, existe preocupação relacionada com as possibilidades de relatar intencionalidade e racionalidade que afetam as experiências descritas (VAN DER ZALM & BERGUM, 2000). Para responder tais questões, recorre-se à fenomenologia dentro do que existe quanto ao desenvolvimento de princípios que sustentam e são surgimento a formatos que auxiliam pesquisadores no estudo de experiências humanas, do contexto das mesmas e como tais vivências podem ser descritas (SPIELGELBER, 1965, BURCH, 1989; HAMMOND, 1991; ELDRED, 1997).

A fenomenologia se inicia através dos estudos de um filósofo alemão, Edmund Husserl, denominado como o fundador deste movimento filosófico, o qual assevera que a fenomenologia se preocupa com os fatos, conceitos, sentimentos, sonhos, imagens, sensações, fantasias, pensamentos tendo como referência os objetos relacionados com o evento, tópico ou tema e a própria experiência. (MAGGS-RAPPORT, 2001). A fenomenologia de Husserl requer reflexão no conteúdo mental da experiência, excluindo qualquer outra coisa. No entanto, Heidegger (2000) entende que os pesquisadores deveriam possibilitar a compreensão da manifestação do que está subscrito nas experiências ou vivências ordinárias do “viver-no-mundo”. O autor avalia que a descrição, entendida como estrutura da experiência diária do “estar-no-mundo”, deve apresentar uma interconexão entre o sistema de estruturas vivenciais, as regras sociais e os objetivos dos indivíduos. Heidegger acredita que o ato de estar no mundo e das “coisas” que fazem parte desta vivência, atuando e realizando projetos, implica em compulsória intencionalidade por parte dos indivíduos. Na concepção deste filósofo, nós somos o que fazemos no mundo.

Mais recentemente, Van Manen (1990) incorporou a noção de “mundo-vivencial” para expressar a importância de experiências vividas através da perspectiva fenomenológica. “Mundo-vivencial”, Segundo o autor, é o resultado de como cada indivíduo experiência e faz relações de causa e efeito com as situações do dia a dia. O autor esclarece que as experiências vividas através do corpo, no espaço, no tempo e das relações interpessoais

poderiam desenvolver uma estrutura individual e/ou coletiva na qual os pesquisadores poderiam descrever/interpretar as experiências humanas. O autor acrescenta que tal perspectiva fenomenológica poderia gerar uma visão aproximada do contexto da realidade onde se apresentam comportamentos através das experiências. Estas estruturas são apresentadas dentro dos seguintes aspectos:

Espaço vivenciado (ambiente físico). De acordo com o autor, este é o espaço onde nos encontramos e que podem afetar a forma como nos sentimos. Ele acredita que nosso fundamental senso de “estar” está relacionado com os efeitos do espaço no qual passamos a ser parte dele, transcendendo os significados deste espaço (igreja, escola, clube social, cidade, etc). Assim, exemplificando, os espaços implicam experiências de sentimentos de ganhos ou perdas, estranhamentos, surpresas, vulnerabilidade, potencialidade, motivação, depressão, alegria, entre outros. O espaço é a dimensão vivencial onde o homem se move e encontra consigo mesmo, em um sentimento de “casa”. A qualidade do significado atribuído a determinado espaço, dependerá da experiência particular de cada indivíduo. O autor explica que pesquisadores fenomenológicos exploram várias qualidades de espaço e os aspectos relacionados com este. Significa dizer que as características sociais de “espaço vivencial” indicam nosso fundamental senso de “estar”, no qual as pessoas estão rodeadas por seus pares, sentindo conforto ou intimidação, que podem fazer diferenças entre o “lugar para estar” e o “lugar para ser”.

Tempo vivenciado (senso de passar-o-tempo). O autor avalia que tempo vivido está relacionado com a dimensão temporal de passado, presente e future, no sentido de como tais dimensões afetam nossas vivências. No entanto, deve-se considerar principalmente a dimensão subjetiva de “passar-o-tempo”. Esta temporalidade indica nossa forma de estar-no-mundo – pensando sobre as possibilidades de futuro e/ou colecionando as experiências do passado. O autor disserta que talvez possamos conhecer o indivíduo através do significado de suas experiências pessoais ou histórias de vida, Neste caso, podemos entender que as histórias pessoais de vida indicam o processo desencadeado e continuo dos traços ou personalidades individuais. Avalia-se, também, que a pressão do presente também modifica as influências do passado. Mais ainda, o autor indica que “nós podemos re-interpretar o que fomos ou o que somos atualmente”. Assim, o passado é modificado porque nós vivemos para o futuro, o que ainda é uma experiência misteriosa que se juntará ao que já está dentro de nós (LINSCHOTEN apud VAN MANEN, 1990).

Corporeidade vivenciada (experiências corporais/mentais). O autor assevera que nós estamos corporalmente presentes no mundo. Exemplificando, ele explica que o corpo é o primeiro element a ser sentido/percebido quando nos encontramos com as outras pessoas. Nossa presença física ou experiências corporais. Esta presença física pode revelar algo sobre nós – não necessariamente de forma consciente e deliberada, podendo ser algo despercebido.

Relacionamentos interpessoais vivenciados (nossa interação com os outros). Trata-se dos fatores que explicam e dão sentido aos modelos de interação social ou relacionamentos vivenciados que nos mantêm dividindo o mesmo espaço vivencial com os outros. Apresenta a oportunidade de poder transcender a nós mesmos, reunidos a outros e, talvez surpreendentemente, perceber que as pessoas podem ser completamente diferente do que esperávamos. O autor acrescenta que o sentido existencial dos seres humanos tem sido moldado nas experiências com os outros, na comunidade, no propósito de sociedade, nos círculos afetivo-sociais, tal como na experiência religiosa da procura do Outro – da entidade denominada Deus.

Metodologia

Técnicas para coleta e redução de informações

Trata-se de uma pesquisa qualitativo-exploratória. Desta forma, técnicas específicas são requeridas para este estudo. Através delas, as informações dos participantes e do pesquisador são coletadas, transcritas e reduzidas. Um jornal reflexivo foi utilizado com base na perspectiva

fenomenológica do pesquisador através da observação participativa, enquanto participantes foram entrevistados a fim de produzir-recolher narrativas contando os efeitos de suas experiências em capoeira. Estas informações foram reduzidas de acordo com o tema em estudo - .experiências de tempo, corpo, espaço e relações humanas através da capoeira. Neste sentido, procurou-se relatar como os participantes (pesquisador/pesquisados) vivenciaram as lições de capoeira.

Observação participativa – jornal reflexivo do pesquisador

A observação participativa precisava ser intensa e focada no fenômeno a ser descrito. O objetivo da pesquisa era a interpretação de como a(s) pessoa(s) experientia(m) ser/estar em um grupo de atividade específica – a capoeira, e como isto implica nas reflexões sobre corpo, tempo, espaço e relações humanas. Na perspectiva fenomenológica, o pesquisador também fez parte da pesquisa, estando imerso durante 7 meses, no espaço de estudo e convivendo no mesmo contexto e ambiente social onde as aulas de capoeira eram vivenciadas pelos participantes.

Entrevistas

As entrevistas foram semi-estruturadas e endereçavam questões sobre como foi vivenciado o processo de alcance de aprendizagem dos participantes e suas implicações nos aspectos fenomenológicos de tempo, corpo, espaço e relações humanas. As entrevistas foram gravadas e, após este processo, transcritas e codificadas para possibilitar o processo de interpretação. As informações recebidas pelas experiências dos participantes e do pesquisador representaram os dados ou resultados da pesquisa.

Redução fenomenológica – unidades de sentido

As informações transcritas foram reduzidas e filtradas para formar um conjunto de dados que fossem significantes – unidades de sentido. Priorizou-se o cuidado no estágio de transcrição reduzida dos dados dos participantes. Os dados oriundos do jornal reflexivo do pesquisador foram utilizados para reconstruir o fenômeno e dar nomes às unidades de sentido encontradas nos dados dos participantes.

De acordo com os estudos de Creswell (1997) a quantidade de elementos significantes da experiência são extraídos das descrições dos participantes, nas frases ou sentenças que diretamente explicam o fenômeno investigado. Esta quantidade de elementos significantes permitem ao pesquisador a reconstrução da experiência social, individual e coletiva, no próximo estágio da pesquisa, denominado horizontalidade.

Horizontalidade – reconstrução fenomenológica

Horizontalidade é a definição encontrada para um processo de apresentar um quadro completo das estruturas que compõem um fenômeno vivenciado. Somente através de ampliada visão do fenômeno poderemos desenvolver uma explanação interpretativa dos fatores que permeiam as experiências individuais ou coletivas.

Resultados e discussão

De acordo com o exposto, os participantes frequentaram aulas regulares de capoeira durante 7 meses, 4 vezes por semana. Assim, 80 lições, cada uma com 1½ hora, totalizaram 120 horas de experiência. O grupo de participantes foi composto por 150 pessoas, entre 17 e 32 anos de idade.

Durante o processo de aprendizagem e experiência em capoeira, duas fases de entrevistas individuais foram desenvolvidas. 25 participantes participaram voluntariamente em cada fase de entrevistas. Este instrumento de coleta de dados era executado antes ou após os treinos, dependendo da disponibilidade do participante. O tempo de duração das entrevistas variava entre 20 e 50 minutos.

As entrevistas e o jornal reflexivo produziram informações transcritas em 230 páginas, configuradas em espaço simples, fonte 12, folhas A4.

Espaço vivenciado em capoeira

A experiência física, social e psicológica no espaço de aprendizagem de capoeira apresentou significativa importância no relacionamento entre os praticantes e o contexto onde aconteceram as atividades. Ginásios, ruas e parques foram conectados às rodas de capoeira que se firmaram como momento de glória e ápice das aulas. De acordo com as experiências individuais, estes espaços se tornavam parte da roda – músicas entoadas, gestos motores, instrumentos musicais, grupo e transeuntes que tornaram-se apenas um elemento. A maioria das vivências apresentou que esta interação ocorreu devido a forma coletiva de centralização de todas as ações na roda – convergindo expectadores e atores, nas formas que todos fazem uso deste espaço, como dividem as atitudes e as emoções experienciadas.

Neste sentido, as experiências indicaram que o espaço, entendido como meio ambiente vivencial, criou oportunidades para uma variedade de interações entre as pessoas. Esta integração comunitária pode provocar específicos comportamentos estimulados pela proposta de uso coletivo do espaço (ALEXANDRE & SEIDMAN, 1999).

Outro interessante aspecto evidenciado pelas experiências registradas demonstrou que a conexão do indivíduo ao espaço social tende a produzir sentimentos diferenciados sobre o local da prática de capoeira. Na maioria das vezes, como uma segunda casa ou lar. No entanto, em menor grau, também pudemos perceber que alguns momentos de crise ou desconforto apresentado pelas dificuldades de aprendizagem e de desconforto físico impuseram sentimentos de não-pertencimento ao espaço.

Tempo vivenciado em capoeira

A experiência de tempo vivenciado em capoeira proporcionou a compreensão de que esta dimensão é determinante para as mudanças de comportamento individuais e/ou coletivas. Este aspecto foi importante para comparar experiências anteriores com as novas aquisições mentais e corporais através da capoeira. Outro aspecto demonstrado pelas experiências foi a compreensão de que o tempo é fator fundamental para determinar adesão e que a repetida experiência através das aulas regulares promovem desenvolvimento de habilidades corporais e a contínua perseguição de metas. Desta forma, o cumulativo processo de aquisição de habilidades também traz fixação ao grupo como uma aquisição social. Este fator foi reconhecido na maioria das experiências. Então, a regular e persistente participação nas aulas de capoeira representou a contemplação das expectativas iniciais que os participantes possuíam, o que eles pensavam em adquirir ou alcançar, os resultados alcançados e o balance entre estes e o que foi adquirido. Esta postura temporal implicou em estabelecimento de novas expectativas e a continuidade de um processo de aquisição. Importante acrescentar que algumas experiências individuais encorajaram os participantes na reflexão da necessidade da prática, dentro do princípio de escolha e autonomia individual, aplica-se à realidade dos cenários da vida e não somente dentro do grupo de capoeira.

Os participantes avaliaram que o tempo definindo prolongada participação em capoeira pode aumentar, especificamente dentro dos fundamentos do jogo de capoeira, o senso de ritmo, tempo de ação, diálogo corporal, concentração, crescimento social e pessoal. Avaliam também que medo e senso de vulnerabilidade no embate corporal na interação com outros, no jogo da capoeira, podem ser modificados e finalmente harmonizados.

Corporeidade vivenciada em capoeira

O corpo (complexidade biopsicossocial) é reconhecido como entidade mutante, moldável e maleável às experiências (DIENER, 2003). Neste estudo, a experiência corporal em capoeira

apresentou que os conhecimentos adquiridos eram primeiramente percebidos pela estrutura corporal. Com as influências do treinamento, o corpo precisava se adaptar às contínuas cargas de trabalho, implicando em mudanças percebidas pelos participantes. Para muitos participantes, o desenvolvimento de habilidades físicas também produziu efeitos na coesão do grupo, evidenciando processo de identificação através do comportamento motor (BRAWLEY, 1996). Este processo pode afetar metas individuais e coletivas, tais como: quebra de barreiras na comunicação corporal, na superação das limitações de movimentos corporais que nos impõe dificuldades no trato com as adversidades (LAPEIERRE, 1997). Esta questão implicou no reconhecimento de que os participantes desenvolveram ações individuais e combinadas ao grupo como um todo. Neste sentido, a experiência demonstrou que os participantes interagiram corporalmente conectando corpos através de movimentos harmônicos (acrobacias, golpes e dança) quando jogavam em pares.

Relacionamentos interpessoais vivenciados em capoeira

Os relacionamentos interpessoais parecem ter sido um dos mais significantes elementos da experiência em capoeira. Trata-se de uma atividade essencialmente de grupo. Neste caso, as ações coletivas foram percebidas como fundamentais para a efetividade do jogo de capoeira. A maior parte dos participantes afirmou que esta percepção trouxe-lhes a necessidade do trabalho em conjunto para o alcance da satisfação advinda do jogo da capoeira, principalmente no ápice da atividade: a roda de capoeira.

Eles vivenciaram relacionamentos interpessoais com diferentes indivíduos, formando um grau de intimidade que pode ter auxiliado na compreensão da necessidade de tolerância, para que haja alcance de metas coletivas. Neste sentido, este o entendimento da necessidade de um mínimo de harmonia em atividades coletivas podem ser responsáveis pelo sucesso das metas do grupo (FORSYTH, 2001).

Interessante notar que a capoeira, como atividade de desenvolvimento de habilidades corporais, também provocou níveis de relacionamento vivenciados diferentemente pelos participantes. Para alguns, aqueles que atingiram maior grau de habilidades demonstravam arrogância nos momentos da roda de capoeira e iniciativas de auxílio aos menos habilidosos em outras situações. Para outros, a aquisição de maestria perante o grupo legitimava comportamentos de liderança e admiração.

A experiência demonstrou que os participantes atingiam determinado grau de satisfação à medida que conseguiam aliar as habilidades físicas com os requisitos necessários para jogar na roda de capoeira. Este momento talvez seja o ponto que revela a intensidade das interações sociais em capoeira. Cooper (1992) avalia que os momentos de interação social são um dos elementos determinantes para a felicidade ou satisfação individual com a vida. Com resultado, a experiência em capoeira talvez tenha promovido o entendimento de alguns aspectos da natureza das relações humanas e como isto pode influenciar no bem-estar social das pessoas. No entanto, alguns participantes também enfatizaram a co-existência entre bons e maus aspectos que permeiam a vida em grupo.

Os resultados indicam que a estrutura teórica desenvolvida por Van Manen (1990), na descrição-interpretação das experiências humanas através das vivências corporais, temporais, espaciais e das relações humanas, pode ser recurso metodológico eficiente para os pesquisadores interessados no estudo das experiências humanas nos esportes e nas atividades físicas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA B. **Capoeira: a Brazilian Art Form**. California, USA: North Atlantic Books, Berkeley, 1986. 287p.

AUSTRALIAN BUREAU OF STATISTICS. Australian Social Trends. In: **ABS**, Canberra, 1999.

- BAUM (1999) Building healthy communities: health development & social capital project – western suburbs of Adelaide. **SA Community Health Research Unit and Department of Public Health**. Adelaide: Flinders University of SA, 1999.
- BAYLY L. & BULL F. How to build social capital: a case study of an enduring community walking group. **Eastern Perth Public & Community Health Unity & Department of Public Health**, UWA, 2001.
- BENNER P. The tradition and skill in interpretive phenomenology in studying health, illness, and caring practices. **Interpretive Phenomenology** (Benner P. ed.), Sage, Thousand Oaks, California, pp. 99-128, 1995.
- BERKMAN L. The role of social relations in health promotion. **Psychosomatic Medicine**, London, 57(3);245-54, 1995.
- BERKMAN L. Social relationships, connectedness, and health: The bonds that heal, 1997. Disponível em <<http://obssr.od.nih.gov/Publications/SOCIAL.HTM>> Acesso em: 25, set. 2002.
- CHOU K. Influences on adolescents in an ecosystem: uniformed groups. **Journal of Genetic Psychology**, England, UK, 160(3):270-279, 1999.
- COBB S. Social support as a moderator of life stress. **Psychosomatic Medicine**, USA, 38:3-14, 1986.
- COLAIZZI P. Psychological research as the phenomenologist views it. **Existential**, London, 6:75-86, 1978.
- COOPER H. Social activity and subjective well-being. **Personality and Individual Differences**, 13(5):573-583, 1992.
- CRESWELL J.W. **Qualitative Inquiry and Research Design Choosing Among Five Traditions**. London: Sage, Vaile R. & King M. eds, 1997, 320p.
- DIENER E. & FUJITA F. Social comparisons and subjective well-being. In: B. BUUNK & R. GIBBONS (Eds). **Health, Coping, and Social Comparison**. New York: Mahwah, 1997. p. 329-357.
- DIENER E. Personality, culture, and subjective well-being: Emotional and cognitive evaluations of life. **Annual Review of Psychology**, London, v. 4, n.5, p.05-23, jun. 2003.
- ELDRED M. A short presentation of “what is” phenomenology. England, 1997. Disponível em: <www.connect.net/ron/phenom.html> Acesso em: 20 set. 2001.
- FORSYTH D. Why so social an animal? The functions of groups. USA, 1996. Disponível em: <<http://www.has.vcu.edu/psy/faculty/fors/functions.html>> Acesso em: 23 abril 2001.
- GARRICK J. Doubting the philosophical assumptions of interpretive research. **Qualitative Studies in Education**. London, Vol. 12, n.2, p.147-156, ago. 1999.
- HEIDEGGER, M. **Being and time**. 7. ed. Oxford: Blackwell publishers ltd, 2000. 450p.
- HERMANOWICZ & HARRIET M. Ritualizing the routine: collective identity affirmation. **Sociological Forum**, Albania, vol. 14, n. 2, p.197-214, ago. 1999.
- HILDINGH C. (1995). Social support in self-help groups, as experienced by persons having coronary heart disease and their next of kin. **Journal Nursing Studies**, USA, vol. 32, n.3, p.234-245, mar. 1995.
- HOUSE J. **Work Stress and Social Support**. 2.ed. USA: Reading, MA, 1981. 240p.
- HOWARD P. (1994) **The Death of Common Sense**. New York: Random House, 1994. 288 p.
- KAHN R.; ANTONUCCI T. Convoys over the life course: attachment, roles, and social support. In: BALTES P.; BRIM O. (Eds). **Life-span development and behaviour**. New York: Academic Press, 1980, p. 253-286.
- KOERNER A. Relational schemas: the universal grammar of relationships. In: DISSERTATION ABSTRACTS INTERNATIONAL. **The Sciences and Engineering**, vol. 59, n. 9, 1999, p.51-68. 1999.
- MARLEAU-PONTY M. **Phenomenology of Perception**. 2.ed. London: Routledge & Kegan Paul, 1962. 274p.
- REIS A.L. **Educação física & capoeira – saúde e qualidade de vida**. Brasília: Thesaurus, 2001. 208p.

RITTNER B.; SMYTH N. Time-limited cognitive-behavioral group interventions with suicidal adolescents. *Journal of Social Work with Groups*, London, n.22, vol.3, p.55-75. 2000.

SHUMAKER S.; BROWNELL A. Toward a theory of social support: closing conceptual gaps. *Journal Sociology*, n. 4, p.11-36. 1984.

THE EUROPEAN FEDERATION OF SPORT PSYCHOLOGY. Position statement of the European Federation of Sport Psychology (FEPSAC): II. Children in sport. *Sport Psychologist*, Sweden, n.10, v.3, p.224-226. 1996.

VAN MANEN M. (1990) **Researching lived experience**. Ontario: State University of New York Press, 1990. 268p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Balancing mental health promotion and mental health care: a joint. In: WHO/EC MEETING, 1999. Belgium, n.2, p.22-24.

ANDRÉ LUIZ TEIXEIRA REIS
SQSW 504 BLOCO J APTO 608
EDIFÍCIO PORTO REAL
SETOR SUDOESTE
BRASÍLIA – DF
CEP: 70.673-510
andrereis@unb.br